

# POR UM BRASIL AINDA MAIOR

Um homem dinâmico trabalhando com fé nos destinos do país — Uma visita às ilhas do sr. Henrique Lage — Forja de trabalho construtivo — Estaleiros para grandes construções navais — Aparelhamento para a siderurgia nacional — A grande industria enfrentada por um homem possuído de sadio patriotismo — Amigo dos operários e trabalhador incansável — Quasi um milhão de contos invertido em perto de quarenta empresas

«A Noite», do Rio, publicou a seguinte reportagem: — Os homens se dividem entre os tipos devaneadores (aquelas que se perdem na rede dos pensamentos e se afundam a arquetetar sem base no conhecimento das coisas concretas) e os tipos objetivos que são os que têm o dom natural da execução, fazendo muitas vezes de empreendedores começados em pequenas proporções, verdadeiros monumentos de trabalho e, vamos dizer, de «sonho realizado».

Essas considerações vêm a propósito de uma visita que fizemos à Ilha do Viana, onde serve de base à monumental obra que vem realizando o sr. Henrique Lage, obra essa de uma proporção sem limites, porque é eminentemente de interesse nacional, quer sendo encarada sob o aspecto puramente econômico, quer sob o aspecto de defesa nacional.

A Ilha do Viana, situada dentro da baía da Guanabara, tem uma área de 200 mil metros quadrados e ali trabalham dois mil operários. Tem um perímetro de 1.800 metros, cuja grande maioria já é um «cáis de 12 metros de largura, cortado de trilhos sobre os quais corre um guindaste que pode levar até 80 toneladas».

## A carreira dos cruzadores

Na frente norte está a larga carreira para construção naval, distendida em cima de rocha viva, subindo do mar ao tópo da ilha num nível natural proporcional.

O sr. Henrique Lage, que a mostrava nos seus mínimos detalhes, disse:

— Essa carreira suporta qualquer encorajado, de qualquer peso e podem ser construídos aqui ao mesmo tempo seis destroyers, três cruzadores ou dois couraçados.

E apontando para a imensa baía que se descortina limpa, além da carreira, concluiu:

— Aqui não ha limites para se lançar um navio, seja ele de que tamanho for.

## Construção naval de guerra

O maquinario se amontoa aqui e ali, peças curiosas de proporções gigantes, plantadas em pavilhões imensos e a colmeia humana de centenas de operários, labutando, dão uma impressão extraordinária de grandeza inédita ao visitante. Perguntamos ao sr. Henrique Lage se tinha um capital muito grande invertido naquela secção:

— Gastei para transformar as oficinas existentes e torna-las nessa proporção para a construção naval de guerra, mais de noventa mil contos.

## Auxiliando o Brasil

Entravamos num pavilhão e o sr. Henrique Lage esclareceu, apontando para o chão, todo riscado.

— Aqui se idealizam, riscam-se e depois são construídos os meus próprios navios. E' claro que não posso fazer um «Queen Mary», pois nem os armadores ingleses o puderam com os seus capitais enormes. Foram, afinal, auxiliados pelo governo, porque o dinheiro de particulares não chega para tanto. Quanto a mim é bom que fique bem

claro que não recebo auxílio de especie alguma do governo. Ao contrário, eu é que auxilio o Brasil, trabalhando continuamente dentro do meu país e invertendo em industrias todo o capital que me vai entrando.

Subiamos pela parte lateral direita da carreira dos grandes vasos de guerra.

Já no alto, á esquerda, metidos num dique, dois navios. O maior deles é o «Biguá», que se encontra em preparação para ir navegar no Amazonas.

## Beneficiamento do ferro

Mais adiante dois enormes frechais da usina de laminação, de tamanhos diferentes, se erguem. Recebem o ferro bruto e fazem o beneficiamento.

Logo em seguida, os rolos

para virar chapas de navio, máquinas para cortá-las de qualquer espessura, centenas de aparelhos de todos os tamanhos, destinados á industria de construção naval.

E o sr. Henrique Lage, com uma certa melancolia, olhando aquilo tudo funcionando como um relógio de precisão, disse:

— Só eu sei quanto esforço tem sido empregado aqui. Entretanto, ainda ha pouco tempo, foi encomendada uma chata na Holanda, para andar rebocada em Mato-Grosso. Coisa que eu faria aqui com a maior facilidade.

Descemos novamente para o cáis construído, que já anda por algumas centenas de metros. Lá estava ancorado o «Campinas», do



SR. HENRIQUE LAGE

Loide Nacional, empresa do sr. Henrique Lage, que foi abalroado e perdeu a proa. Foi riscada na ilha uma outra, está sendo feita ali e

de novo vai ser o navio; entregue á navegação.

## Na área do imenso cáis

Estavamos na área do cáis, já cortada de trilhos para o imenso guindaste. O homem que procura realizar o sonho da construção naval, batendo o pé no sólo, disse:

— Da forma por que fiz construir esse cáis, nele podem atracar os maiores navios de guerra do mundo. Tem doze metros de profundidade.

## A industria do sal

Um enorme pavilhão se alteia próximo. Entramos. Um formigueiro de operários ali se agita.

— Aqui é o beneficio e rebeneficio do sal — esclareceu o sr. Henrique Lage.

Recebo-o das minhas salinas de Mossoró e Macau em grosso e aqui ele é beneficiado numa média de 35 toneladas por dia. Uma série de dificuldades tive de remover para pôr a coisa em ordem. Até os tampos dos pequenos vidros teinho de fabricar, porque os nacionais custam 400 réis, os estrangeiros 1\$500 e estes, que faço aqui, são bons como uns e outros, ficam-me a 30 réis. Fabrico-os nesta máquina — e apontou para um aparelho funcionando — que foi inventada aqui, na ilha, e dá uma produção de dez mil tampos por dia. E, assim, acondiciono o meu sal «Condor», que é dissolvido e purificado e, depois, ensacado. Comecei com uma produção diaria de uma tonelada e

hoje já está em 35, como disse.

E o sr. Henrique Lage encheu a mão com um punhado de sal alho, caminhando para uma enorme montanha de sal, que se erguia do chão ao tópo, e atirou-o. A diferença da cor era espantosa. Enquanto um tizna o aspecto bellissimo, limpo, branco, o outro era amarelo escuro.

— A diferença é enorme entre o sal beneficiado e o bruto. Este, entretanto, é o que a população consome, sem que a Saúde Pública tome energicas providencias para evita-lo. E a diferença de preço é minima, de vinte e cinco por cento, pois o sal sujo, antihigienico, cheio de corpos estranhos, custa 160 réis o quilo, enquanto que o limpo, salutar, custa apenas mais 40 réis, depois de lavado e moído.

## O frigorifico e os fornos de Antonina

Deixamos o pavilhão do sal. Fômos ver o frigorifico de peixe, carne, ovos, leite e verduras, que é uma coisa perfeita. Voltamos, depois, para a área da construção naval. Seis enormes ventiladores estavam estirados no chão.

— São para o alto forno de Antonina e para lá vão seguir já — disse o sr. Henrique Lage.

## A navegação no Amazonas

Mais adiante a instalação completa para secagem do minério e a um canto do pavilhão um curioso deslizador que desenvolve uma velocidade de 40 milhas horarias, com um pé de calado, para o Rio Amazonas, comportando 10 pessoas. Póde navegar nos rios mais secos devido o calado diminuto. Move-se com motor usado de aviação. Daquela tipo vão ser feitos ali vários outros.

## A padaria descomunal

Rumamos de novo para o centro da ilha. Ali está a padaria para abastecer a frota das empresas de navegação do sr. Henrique Lage, quando os navios passam pelo Rio. Consome a padaria, diariamente, de 600 a 700 quilos de farinha e, certa vez, quando esteve parada, foram necessarias sete padarias de Niteroi para substituir a da ilha.

## O cais das madeiras, as carreiras menores e os modelos

No outro flanco está o cais das madeiras que ali desembarcam e vão para as oficinas, onde se tornam em mobilias de bordo, etc. A serraria é enorme e de seus lados partem duas carreiras em sentido contrário á das construções navais. A carreira das construções de embarcações pequenas de 120 a 130 pés e a carreira dos reparos, onde embarcações um pouco maiores entram em forma para voltar de novo á navegação. Ali proximo está a oficina modelar para fundição de peças essenciais dos navios mercantes e mais adiante o «stock» de modelos, onde milhares deles se acumulam em dois pavimentos. Perguntamos ao sr. Henrique Lage em quanto avaliava aqueles modelos:

— Em muita coisa. — Só este — e apontou para um de pouco mais de um metro de altura — custa na Europa mais de 40 contos. Ha

(Conclua na 4.ª página)

# Correio do Sul

Fundador: JOÃO DE OLIVEIRA — Telefone, 86 — Caixa Postal, 34 — Diretor: VINICIUS DE OLIVEIRA

Gerente: J. MARCONDES CABRAL Laguna (Santa Catarina), 28 de Agosto de 1938 Ano VII — Número 349  
Correspondente no Rio de Janeiro: VANIO DE OLIVEIRA Publica-se aos domingos

## O Brasil na Conferencia do Chaco

Elogiado pelo embaixador Spruille Braden a atuação do sr. Edmundo da Luz Pinto

A assinatura da Paz do Chaco, que veio terminar um angustioso problema continental, trouxe ao Brasil, a satisfação de ver corôada de exito a intervenção que nele teve a sua delegação. Entre os membros dessa delegação, teve papel saliente o sr. Edmundo da Luz Pinto, que trabalhou ativamente nos primeiros tempos da Conferencia. Agora, terminada a obra da Paz, teve a antigo delegado brasileiro a satisfação de receber do embaixador americano, Spruille Braden, presidente da delegação de seu país á Conferencia, a seguinte, significativa carta:

«Buenos Aires, 29 de Julho de 1938. — Meu caro amigo e colega: Escrevo es-



Sr. Edmundo da Luz Pinto

tas poucas linhas para felicitá-lo pela assinatura do tratado final de paz entre a Bolivia e o Paraguai. V. tem direito a essas felicitações, como si tivesse estado presente durante as negociações finais, em virtude do seu trabalho anterior na conferencia.

Um dos maiores prazeres que tive durante a minha participação nesse trabalho arduo, foi a formação de amizades como as que fiz com V. e com o nosso prezado colega Rodrigues Alves. Será que o Itamaraty aprecia na justa medida os seus serviços á causa da paz? Não tento elogiar o seu trabalho pelo simples motivo de não encontrar bastantes superlativos para esse fim.

Espero ter o prazer de vê-lo quando passar pelo Rio em caminho dos Estados Unidos. Até então, a sra. Braden me acompanha, enviando-lhe as nossas saudações cordiais, como sempre. — Sempre seu (a.) Spruille Braden.

## Bureau Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea

Deverá ser inaugurado, brevemente, no Rio de Janeiro, por iniciativa do sr.

## Escola fechada

Pelo Interventor Federal foi fechada, definitivamente, a escola particular de Rio Areão, distrito de Braço do Norte, município de Tubarão, tendo sido o respectivo professor, Arnoldo Back, afastado do magisterio do Estado.

José de Albuquerque, presidente do «Circulo Brasileiro de Educação Sexual», o «Bureau Internacional de Educação Sexual e Anti-Venerea», que será o depositario de tudo que se faz no mundo sobre esse problema.

Esse «Bureau», que manterá uma exposição gratuita aberta ao público, querendo dar um realce especial ao que se faz no Brasil em relação a esse assunto, está empenhado em receber informações, graficos, folhetos, cartazes, etc, que possam orienta-lo a respeito de como é feita essa propaganda nos diversos municipios brasileiros, devendo qualquer correspondencia, nesse sentido, ser dirigida ao dr. Cunha Ferreira, secretário do mesmo, á rua do Rosario, 172, Rio de Janeiro.

## MORREU o «Rei do Baralho»

RIO. (P. C.) — Ao morro da Favela, dois policiais conduziram um preso, para que o mesmo mostrasse o lugar onde escondera um objeto que roubára. Quando subiam o morro, foram avisados por um grupo de malandros, que iogavam cartas, entre os quais se achava o «Moleque 77», conhecido também como o «Rei do Baralho».

Os jogadores, tomados de pânico com a presença dos policiais, dispersaram-se em desabalada carreira.

O «Rei do Baralho», escurregando, rolou no abismo, despedaçando-se o seu corpo no fundo de uma pedreira.

No momento da retirada de seus restos mortais, notou-se que em sua mão crispada se achava um rei-de-ouros.

## Colegio «Stela Maris»

Realiza-se hoje, ás 14 horas, o benzimento da pedra fundamental do aumento do Colegio Stela Maris, conceituado educandario desta cidade, dirigido pelas Irmãs da Divina Providencia.

A ampliação do predio era velha aspiração das denodadas e virtuosas Irmãs, que dispndiam os maiores esforços para conseguila. Ha mais de 25 anos vem o Colegio prestando reais serviços á nossa população. A Congregação, a que está submetido, dispende, anualmente, avultadas quantias, não apenas neste Estado, como nos do Paraná e Rio Grande do Sul, onde mantêm diversos estabelecimentos de ensino.

Foi, agora, Madre Bene-

venuto, superiora provincial da Congregação, quem, observando aqui o predio e atendendo ás preferencias das familias lagunenses, auxiliou, dirigida pelas Irmãs da Divina Providencia.

## Fábrica de Calçados Medeiros Ltda.

Do sr. Carlos Bessa recebemos comunicação da organização, nesta cidade, á rua Raulino Horn nº. 30, de uma sociedade por quotas para exploração de uma fábrica de calçados e industrias congêneres, denominada «Fábrica de Calçados Medeiros Ltda.». Será a sociedade administrada pelos gerentes, srs. Manuel Medeiros, Carlos Bessa e João Berti.

torizou a Irmã Egidia, diretora do estabelecimento, a mandar construir um novo pavimento para ampliação do Colegio, cuja planta já se achá definitivamente aprovada pela Prefeitura. Tratando-se, como efetivamente se trata, de um excelente e proveitoso melhoramento local, é com prazer que registamos, aqui, o lançamento da pedra fundamental da nova edificação.

O ato, que será público, obedecerá ao seguinte programa: — Hasteamento da bandeira nacional, benzimento da pedra pelo vigário, leitura da ata, colocação da pedra pelo padrinho, discurso oficial, e, finalmente, o hino nacional cantado pelos alunos.

## REGRESSO dos cadetes do «Almirante Saldanha»

S. JOÃO DO PORTO RICO, 24. (A. N.) — A bordo do «Prudente de Moraes», esperado neste porto depois de amanhã, partirão de regresso ao Brasil os cadetes do navio-escola «Almirante Saldanha». Ficarão, aqui, o comandante Almeida, alguns oficiais e setenta marinheiros, acompanhando os trabalhos dos desenhalhe.

# Henrique Lage é um incansável batalhador que fala do Brasil com o mesmo ardor dos tempos de joven estudante, cheio de fé e, sobretudo, possuindo uma confiança que se comunica a todos que se aproximam dele

## Correio do Sul

Colarão gráu em Novembro?

BELO-HORIZONTE, (V. P.) — Os bacharelados mineiros estão empenhados numa campanha para conseguirem que, tanto eles, como todos os outros acadêmicos do Brasil, colem gráu, este ano, a 10 de novembro, data que assinala a passagem do primeiro aniversário do Estado Novo. Peraladamente esse movimento, esboça-se outro, na Faculdade de Direito, tendente a abolir o tradicional quadro de formatura, por medida de economia.

FUNDADOR: JOÃO DE OLIVEIRA

LAGUNA — STA. CATARINA

DIRETOR: VINICIUS DE OLIVEIRA

## POR UM BRASIL AINDA MAIOR

(Conclusão da 1ª página)

um detalhe interessante, continuou, nesse trabalho. A madeira de modelo do Amazonas é mais macia do que o pinho de modelo da América do Norte e custa também muito menor preço.

### Fábrica de aviões

— Ao lado desse pavilhão — continuou o sr. Henrique Lage — está a oficina para montagem de vinte aviões encomendados pelo eminente presidente Getúlio Vargas, os quais estão sendo fabricados aqui. O grande animador desse serviço de construções de aviões é o coronel Antonio Guedes Muniz, da Aviação Militar, que tem a satisfação de ver dedicando todos os seus esforços num empreendimento que supera todo o sonho de Lagôa Santa. Ao seu lado aqui está o capitão Edgar Magalhães da Silva, outro denodado militar que acompanha detalhe por detalhe das construções, exercendo um completo controle de tudo. Nesse trabalho tenho entregue todo o meu carinho, porque representa ele uma conquista sem preço para o nosso progresso. O Brasil, imenso como é, cheio de incriveis distancias, só pôde ser realmente ligado pelos ares, através das asas dos nossos proprios aparelhos.

### Dez contos para se perder

— Esta asa — e apontou para um esqueleto de madeira — foi feita com madeira nacional. Quando terminada estará em 10 contos e, então, vai ser experimentada com um peso até quebrar-se, afim de examinarmos a resistencia que tem e até onde pôde chegar. Foi construída com a Marupá, do Pará, que vem humida, vai para a estufa, afim de secar e depois, então, é trabalhada. Com o andamento das experiencias parece que a melhor madeira, ou a que está apresentando melhores caracteristicos, é o freijó, também do Pará.

### A oficina

A oficina é enorme e se distende por um pavilhão imenso. Operarios especializados trabalham ativamente em instrumentos minusculos, que fazem serviços minimetricos. Ao lado está a oficina

de pintura de aparelhos com o assoalho de aço em forma de peneira, todo furado, com seis enormes e possantes ventiladores por baixo para chupar os gases venenosos que se desprendem e evitar que ascendam ás narinas dos operarios.

### Oito mil contos de "stock"

Dalí seguimos para o almoxarifado. Mais de oito mil contos num "stock" permanente para abastecer os navios aqui no Guanabara. Louças fabricadas em Imbituba com os residuos do carvão nacional extraído nas minas do sr. Henrique Lage. Lonas, mangueiras, passadeiras, correias, cordinhas, toalhas, guardanapos, cortinas, roupas de cama e mesa, ladrilhos, azulejos, aparelhos sanitarios, lavatorios, chicanas, pires, toda série de vasos, tudo ali estava ou fabricado na ilha, ou em Niterói ou em Imbituba, nas propriedades daquele homem que tem uma atração extraordinaria para as forjas, fornalhas, guindastes, teares, etc.

### Amigo dos operarios e nacionalista

Nosso passeio continuava animado pela ilha. O sr. Henrique Lage é um homem simples que trata todo mundo com lhanza. Os operarios conhecem-no e estimam-no por sua natural bondade. E ele por sua vez chama a quasi todos pelo nome. São velhos trabalhadores que ali estão ha anos, lutando para a realização dos sadios objetivos daquele industrial nacionalista porque a sua preocupação é conseguir o resultado na prática do aproveitamento de tudo o que é do Brasil e que pôde substituir o que vem importado do estrangeiro, sem, contudo, prejudicar a produção colocando-a em posição inferior e, consequentemente, de facil combate na luta de conquista dos mercados.

### A fabricação do aço

E é ele quem diz: — "Do Brasil podemos aproveitar as minimas coisas sem rebaixarmos o nivel de excelencia da produção no confronto com a que vem de fóra. Meu ideal de industria é este que aqui realizo. Ali está o forno Simens Martin para derreter a guza e fabricar o aço.

E' o maior da America do Sul. Aquela viga — e aponta para o alto — vai servir aos guindastes do "hall" de corrida que suportará 80 toneladas. Foi cosida e feita aqui na ilha. Os proprios titulos eu tenho procurado aproveitar, no que é possível, os nacionais. Aquí estão três qualidades. A chaminé com 50 metros de altura ali está sobre a rocha viva, tendo as suas fundações descido a 15 metros de profundidade. O caixão foi de 81 metros quadrados, onde hoje repousa essa enorme peça. Aquelas colunas foram entre 9 a 15 metros de profundidade. Mas ali estão, como se vê, os motores "Diesel" que fabriquei nos seus minimos detalhes, só com materia prima brasileira, com exceção dos eixos.

Mais adiante os vergalhões brutos, sangrando fogo, saíam, passavam por uma série de furos, rapidamente, e, dentro de poucos minutos, estavam á nossa vista convertidos em parafusos, melitos, prégos de linha, porcas, prégos finos, de todos os tamanhos e dimensões.

### O carvão nacional

Perto do pateo do carvão com a descomunal máquina de descarga, está numa oficina, o aparelhamento fabricado na ilha para a lavagem do carvão nacional. E próximo avista-se a usina de oxigenio e hidrogenio em pleno funcionamento. Em direção á ilha de Santa Cruz, que é ligada á ilha do Viana, por uma pequena ponte pensil e que é um prolongamento do parque industrial do sr. Henrique Lage, está o tanque de petroleo para abastecimento das usinas ali instaladas, bem como a oficina de reparos de automoveis e outras maquinas.

### O almoço e os quatro simpaticos auxiliares

Já tínhamos visto coisas extraordinarias. A oficina de laminação e fundição do aço lá estava funcionando freneticamente. Três "cubilots", dois "bassemer", enfim, peças e mais peças, cada qual no seu lugar; ou montadas trabalhando nas mãos de operarios habilidosos, ou sendo montadas com carinho pelos técnicos. As linhas da estrada de ferro particular ali estavam distendidas. Carroças

de verduras variadas trafegando, puxados cada uma por uma junta de bois, iam entregando nos vários departamentos as porções necessarias. Foi quando o sr. Henrique Lage, consultando o relógio, disse:

— Ha quatro horas que andamos sem parar aquí dentro da ilha. Vamos agora tomar um automovel e almoçar.

— Tomar um automovel? — indagamos.

— Sim. Vamos de automovel porque não é muito perto.

Entramos no veiculo e lá fomos para uma excelente residencia, confortavel, verdadeira casa, onde tudo está em ordem, limpo, magnifico e convidativo.

— Aquí viveram muitos anos e morreram os meus pais — disse o sr. Henrique Lage. Momentos depois entravam quatro robustos rapazes, tipos de homens do trabalho, fortes, sadios, bem dispostos e alegres. Eram os sobrinhos do sr. Henrique Lage, srs. Antonio Augusto Martins Lage, Vitor Henrique Lage, Eugenio Martins Lage e Jorge Ivan Lage. O sr. Henrique Lage falalhes com grande afeto, com ternura verdadeiramente paternal, acarinha-os e depois informa:

— São meus auxiliares. Trabalham comigo e vão com grande eficiencia me ajudando na obra que estou realizando.

Quando os rapazes se retiraram ele acrescenta:

— São uns denodados.

E, então, se percebe o orgulho que aquele grande industrial tem por seus sobrinhos entregues á faina de um trabalho intenso e exaustivo.

O almoço transcorre num ambiente alegre. Vinhos finos, saborosos acepipes e palestras gerais.

### A ilha de Santa Cruz

A ilha de Santa Cruz é bem maior do que a ilha do Viana. Tem seis quilometros de perimetro e ali estão os pastos cheios de gado fino, vacas leiteiras e reprodutores, aves excelentes, jardins para a colheita de flôres que vão ornamentar os navios na partida do Rio, campos de grandes plantações de verduras, galinheiros modernos e estabulos ótimos. E por fim, num prédio de tres pavimentos o serviço de impressão das empresas com magnificos linotipos, máqui-

nas de impressão, etc.

Chegamos de novo ao cáis. Uma lancha veloz nos aguardava. Passamos pelo navio «Caprera», cargueiro italiano, que o sr. Henrique Lage comprou encalhado na Guanabara e vai aproveitar o ferro velho.

### Ilha do Cachimbáu

Passamos também pela ilha de Cachimbáu, outra propriedade do grande industrial que está sendo adaptada, para ser transferido para ali o serviço do sal, cujas proporções aumentadas já estão exigindo a sua saída da ilha do Viana. Ali também vão ficar as torres para a luz.

### Em Niterói

Em poucos minutos estava nos aportando em Niterói, no cáis particular das propriedades do sr. Henrique Lage na capital fluminense. Visitámos primeiro a fábrica dos tecidos que usam as suas empresas. Cento e oitenta teares produzindo...

4.500 metros diários e consumindo 700 quilos de fio por dia lá estavam trabalhando. Gaze para o serviço hospitalar, toalhas, pano para colchão, para sacos de sal, cortinas, forro para embarcações, lonas, enfim 18 qualidades de tecidos ali estavam sendo fabricadas nas 19 cardas, nos 4 500 fusos. E uma nota curiosa: todos os maquinismos funcionando e não se via nem uma correia. Ao lado a sala de refeições com aquecedor para a comida, mesas, lavatorios limpos, tudo para 300 operarios. Mais adiante cinco enormes armazens de carga, mas quasi vazios. O sr. Henrique Lage comentou, então:

— São as belezas do porto

de Niterói que foi criado sem ser uma real necessidade.

### A ilha do Engenho

De Niterói partimos para a ilha do Engenho. Passamos por outra propriedade do sr. Henrique Lage — a ilha do Coqueiro, também conhecida por ilha Manuel João. Ao todo o sr. Henrique Lage tem cinco ilhas dentro da baía de Guanabara. A ilha do Engenho é a terceira em

tamanho na nossa baía. As primeiras são as ilhas do Governador e de Paquetá, em seguida vem a do Engenho. E' enorme. Possui o maior campo de aviação particular da America do Sul, pois mede 1.380 metros a área da pista. Ali vai ser instalada a fábrica de aviões que está funcionando na ilha do Viana. Para isto vêm sendo feitos formidaveis desmontes com jacto californiano, cujas bombas são acionadas por uma colossal usina de sucção e já existe uma linda planicie a 4 metros acima da maré minima feita com custosos aterros. A fábrica ocupará uma área de 250 por 60 metros e os dois «hangars» serão de 40 por 40 metros cada um. Já existe um onde se recolhem quatro aviões «Muniz 7» e «Muniz 9» que lá se achavam.

### A vila operaria

Da ilha do Engenho avisava-se longe, em Niterói, a Vila Operaria do sr. Henrique Lage, numa área de 800 por mil metros, com 57 casas construídas, tendo cada uma 5 quartos, duas salas, cozinha, banheiro, dispensa, alugadas a 150 mil réis mensais. Lá estão em São Gongalo.

A tarde ia alta. Tínhamos já, desde manhã cedo, percorrido sem parar as propriedades daquele homem empreendedor que, possuindo centenas de milhares de contos ou sejam quasi um milhão, empregados em perto de 40 empresas, labuta de sol a sol, diariamente, dirigindo e ativando os seus trabalhos.

Si mais ficássemos, mais o sr. Henrique Lage mostraria, por isso pedimos para deixarmos a outra parte para ser vista depois, num outro dia, também só destinado para esse fim. E foi assim que, com certa emoção cívica, deixamos aquele incansável batalhador que fala no Brasil com o mesmo ardor dos tempos de joven estudante, cheio de fé e, sobretudo, possuindo de uma confiança que se comunica a todos os que se aproximam dele.

**DR. JOÃO DE OLIVEIRA**  
ADVOGADO  
Trata de inventarios e arrolamentos; advoga no forum civil, criminal e comercial.  
ESCRITORIO:  
Rua 13 de Maio, 3  
Telefone, 86  
— LAGUNA —

### Vende-se, pelo preço mais conveniente, o seguinte:

Uma das casas mais bem construídas neste lugar, em ótimo ponto para negocio, formato «chalet», com 10 metros de frente por 12 de fundo, compartimento para negocio, sala de visita, quartos espaçosos, cosinha grande e um deposito com 13½ metros de comprimento, bom quintal e chácara com muitas qualidades de frutas, tudo no lote n.º 10, com frente á rua Emilio Blum e fundos no Rio Braço do Norte, na séde do distrito de Braço do Norte, um dos de mais futuro do municipio de Tubarão.

Quisquer outras informações nesta redação ou com **Francisco Lehmkuhl**, em Braço do Norte.

**João Nunes Netto**  
Teleg.: NUNESNETTO  
Caixa Postal, 95  
**LAGUNA**  
FAZENDAS POR ATACADO e Sacos de algodão para farinha e arroz  
Rua Gustavo Richard, 134  
Couros secos de 3\$000 a 4\$000 por quilo, posto em Laguna  
Escritorio: Rua 1.º de Março, 6

**PROMISSORIA**  
Em formato moderno e papel de linho, vende-se no Correio do Sul

O sabão

**“VIRGEM ESPECIALIDADE”**

de WETZEL & CIA. -- JOINVILE (Marca Registrada)

recomenda-se para hospitais, colegios, etc., pela sua qualidade desinfetante.


